

## O EXÉRCITO DO CORDEIRO: O TEMA DA GUERRA NO APOCALIPSE DE JOÃO<sup>1</sup>

**Prof. Dr. Valtair A. Miranda<sup>2</sup>**

**Resumo:** O livro de Apocalipse de João parece indicar um grupo de seguidores de Jesus que compartilha de uma identidade exaltada no contexto do culto. Internamente, os crentes se percebem como sacerdotes de Deus e anjos do céu. As relações externas, entretanto, são marcadas pelo asceticismo. A relação entre as duas se dá na mensagem de João de que a externa é condição para se experimentar a interna. Neste caso, somente quem assumisse a identidade ascética, de afastamento da sociedade e dos irmãos que não compartilham da mesma perspectiva, poderia ingressar na presença do Cordeiro, experimentar seu reino, cultivar como os anjos e no meio deles.

**Palavras-chave:** Apocalipse de João, Identidade religiosa, judaísmo antigo, Guerra Santa, liturgia judaico-cristã.

**Abstrat:** The book of Revelation of John seems to indicate a group of followers of Jesus who shares an exalted identity in the context of worship, read as service. Internally, believers see themselves as priests of God and angels in heaven. External relations, however, are marked by asceticism. The relationship between the two is given in John's message is that the external condition for experience Internal. In this case, only those who assume the identity ascetic of separation from the society and brotherhood, who do not share the same perspective, it could enter the presence of the Lamb, experience His kingdom, as the angels and worship in their midst.

**Keywords:** Revelation of John, Religious Identity, Ancient Judaism, Holy War, Judeo-Christian liturgy.

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades na Universidade Estadual de São Paulo, Campus Franca, em outubro de 2008.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Religião. Pesquisador associado do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [valtairmiranda@gmail.com](mailto:valtairmiranda@gmail.com)



Este texto quer explorar as relações entre texto e culto, texto e construção identitária, texto e representação de mundo a partir do episódio do Cordeiro e os 144.000 seguidores sobre o Monte Sião (Ap 14.1-5).

O episódio em questão se encontra dentro de uma narrativa que começa no capítulo 12, quando o visionário apresenta a Mulher Grávida perseguida pelo grande Dragão Vermelho. Após falhar em destruir o filho da Mulher, ele é derrotado no céu e expulso para a terra. Segundo o interlúdio de Ap 12.10-12, a derrota do Dragão se deu em função do sangue do Cordeiro e do testemunho dos santos:

E ouvi uma grande voz no céu, dizendo: “Agora chegou a salvação, e o poder, e o Reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo, porque foi lançado o acusador dos nossos irmãos, o acusador deles diante de nosso Deus dia e noite. E eles o venceram através do sangue do Cordeiro e através da palavra do testemunho deles, e não amaram as suas vidas diante da morte. Por isso, alegrai, céus e os que nele habitam. Ai da terra e do mar, porque foi lançado o diabo para vós, tendo grande ira, sabendo que pouco tempo tem.”<sup>3</sup>

A queda do Dragão, entretanto, não significou sua destruição, mas funciona para explicar que a descendência da mulher, os seguidores do Cordeiro, agora serão perseguidos no lugar do próprio filho da Mulher. Para dar sustentação a essa perseguição, duas bestas são levantadas no capítulo 13. Uma delas surge do mar (Ap 13.1-10); outra se levanta da terra (Ap 13.11-18). Elas farão guerra contra a descendência da mulher (Ap 13.7a).

As últimas palavras de João no capítulo 13 sobre as bestas estão na forma de um enigma: “Aqui a sabedoria está. O que tem entendimento calcule o número da besta. Número, pois, de um homem é. E o número dele: seiscentos e sessenta e seis” (Ap 13.18).

O enigma é um convite. Quem o ouvir é convocado a buscar sabedoria suficiente para perceber que a besta não é divina. É humana, pois tem número de homem. Apesar de tudo o que ela promovia contra os santos, apesar dos seus sinais, apesar de sua aparência

<sup>3</sup> As citações do texto grego são, quando não referenciadas, traduzidas pelo autor de: ALAND, Kurt (ed.) *The Greek New Testament*. 4a. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994. A preferência é pela tradução formal.

assustadora, apesar de seu poder para fazer o mal, ela não passa de um agente do Dragão (Ap 12.4).

Logo após a narrativa das bestas, entretanto, o episódio do Cordeiro e os 144.000 começa abruptamente. O visionário rapidamente muda o foco do olhar. Este episódio vai do verso 1 até o verso 5. Ele pode ser dividido em duas partes básicas. Num primeiro momento, João descreve uma visão. Depois, uma audição.<sup>4</sup> De forma esquemática, o episódio pode ser estruturado da seguinte maneira:

*E eu vi  
e eis o Cordeiro parado sobre o monte Sião  
E com ele cento e quarenta e quatro mil  
Tendo o nome dele e o nome do pai dele escritos  
sobre as testas deles.*

*E eu ouvi uma voz do céu  
como uma voz de muitas águas  
e como uma voz de grande trovão  
e (a voz que ouvi) como de arpistas dedilhando nas arpas deles.*

*E cantam [como] uma canção nova  
diante do trono  
e diante dos quatro seres viventes  
e dos anciãos,*

*E ninguém podia aprender a canção se não os cento e quarenta e quatro mil  
Os comprados da terra.*

*Estes são os que com mulheres não se contaminaram, pois são virgens*

*Estes são os que seguem ao Cordeiro aonde quer que ele vá  
Estes foram comprados dos homens*

---

<sup>4</sup> AUNE, David E. *Revelation 6-16*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998, p. 796.



*Primícias para Deus e para o Cordeiro,  
E na boca deles não se achou mentira,  
Perfeitos são.*

João denuncia o início de um novo episódio com o uso da expressão “e vi”. Na prática, essa mesma expressão marca o início e o fim deste bloco narrativo, já que ela aparece também em Apocalipse 14.6.<sup>5</sup> A visão propriamente de João é curta, ocupando apenas o primeiro verso. Ela consiste na apresentação das duas personagens principais do texto, acompanhada de uma definição sintética para identificá-las. O Cordeiro é identificado como aquele que está parado sobre o Monte Sião. O estar parado sobre este monte tão especial é um instrumento de distinção. Ao invés de descrevê-lo com atributos, como já havia feito na visão do capítulo 5, o faz com uma evocação a tradições messiânicas que descrevem o monte Sião como o lugar da intervenção escatológica de Deus.<sup>6</sup> Este Cordeiro, assim, é o Ungido do Senhor proclamado pelos antigos profetas (Jl 2.32; Is 24.23; 31.4; Mq 4.7; Zc 14.4-5).

A outra personagem do texto é coletiva. É um grupo de 144.000. Eles não precisam de muitas identificações neste momento. Dizer que eles são os que têm o nome do Pai e do Cordeiro sobre suas testas é uma maneira de ligá-los rapidamente ao grupo que já aparecera em Apocalipse 7.1-8. Na passagem evocada, eles formam um conjunto de servos de Deus, selados de todas as tribos de Israel. A forma como aparecem, separados em grupos de 12.000 de cada tribo (se bem que a estrutura e a lista das tribos não tenham paralelo em textos do Antigo Testamento), sugere um censo militar preparatório para uma guerra.<sup>7</sup> São eles que surgem, agora, ao lado do Cordeiro. A posição das personagens indica, assim, que eles se preparam para o confronto contra as bestas, guerra essa já declarada (Ap 13.7) pela Besta que emergiu do mar.

<sup>5</sup> Aune divide Apocalipse 14 em quatro unidades textuais: 1-5; 6-12; 13; 14-20. Segundo ele, cada uma dessas unidades tem suas próprias dificuldades de estrutura interna e de relacionamento com as demais unidades do capítulo. Ele sugere que elas sejam, na prática, uma coletânea de temas e assuntos extraídos de outros lugares do Apocalipse. AUNE, David E. *Revelation 6-16*, p. 795.

<sup>6</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Revelation: vision of a just world*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1991, p. 87.

<sup>7</sup> CAIRD, G. B. *A commentary on the Revelation of St. John the Divine*. New York: Harper & Row Publishers, 1966, p. 178.



Nessa primeira parte do episódio, salta aos olhos a forma estranha como os 144.000 são descritos numa confusão de gênero literário. Isso provoca construções gramaticalmente grosseiras, como falar das testas deles, usando o gênero masculino, mesmo o pronome tendo um antecedente no gênero feminino. A mesma coisa vai ocorrer no verso 3, ao falar daqueles que podem aprender o cântico: “senão as cento e quarenta e quatro mil, os comprados da terra”. Desta vez, o primeiro artigo, ao acompanhar os 144.000, aparece no gênero feminino, enquanto o segundo artigo, apesar de continuar se referindo ao mesmo grupo, utiliza o gênero masculino. Esse barbarismo pode ser tanto consequência da experiência visionária do autor, quanto de uma provável evocação das figuras femininas do livro, como a Mulher Grávida (Ap 12.1) ou a Noiva celestial (Ap 19.7).<sup>8</sup>

A função da visão, assim, está concluída ao apresentar as personagens. Já se sabe quem é o Cordeiro. Já se sabe quem são os 144.000. O episódio, entretanto, continua, e desta vez com uma audição. O que o visionário ouve forma a segunda parte desta pequena narrativa. O contexto agora é litúrgico, porque o que ele ouve é uma canção forte como cachoeira e trovão, mas, ao mesmo tempo, melodiosa como os sons nascidos do dedilhar de várias arpas. Tanto a visão quando a audição são abertas com construções verbais no aoristo (eu vi, eu ouvi). Entretanto, no momento de apresentar a canção, João introduz formas verbais no presente do indicativo (e cantam uma canção nova) e no imperfeito do indicativo (ninguém podia aprender a canção). Essa mistura de verbos pode, também, ser reflexo de uma experiência visionária de João.

O sujeito do verbo cantar é indeterminado. Não se sabe quem canta, apenas que são vários os cantores. O coro canta uma canção nova diante do trono, dos quatro seres vivos e dos anciãos. Estas referências logo provocam a necessidade de relacionar o contexto da canção com a liturgia celestial de Apocalipse 4-5. A menção deliberada do trono e dos demais personagens da liturgia deixa claro que a música é celestial. Os 144.000 não a cantam, o que indica que seus cantores também são personagens celestiais. Mas, apesar de não cantar a canção dos céus, somente eles podem aprendê-la, o que sugere que em algum momento eles poderão efetivamente se juntar aos demais cantores para entoá-la. Seu acesso

---

<sup>8</sup> POHL, Adolf. *Apocalipse de João II: comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001, p. 127.



aos sons celestiais revela sua natureza especial. Mesmo não fazendo parte da corte celestial, eles já têm acesso a ela.

A audição termina com outra definição dos 144.000. Ela está em paralelo à definição da visão (verso 1). Na visão eles são aqueles que têm o nome do Cordeiro e do seu pai escritos na testa. Na audição eles são aqueles comprados da terra. Estas duas construções identitárias encerram, respectivamente, a primeira e segunda parte do episódio. Na primeira parte, eles se preparam para guerrear; na segunda, para cultuar no céu.

Vários personagens já foram até agora apresentados no capítulo 14: o Cordeiro, os 144.000, o trono, os seres viventes, os anciãos. Mas apenas os 144.000 aparecem tanto na visão quanto na audição. O próprio Cordeiro só aparece na visão, estando curiosamente ausente da audição. Além disso, a terceira parte da narrativa tem como única missão explicar porque os 144.000 formam um grupo tão especial, a ponto de participar da guerra ao lado do Cordeiro, e, simultaneamente, participar da liturgia celestial diante do trono de Deus.

A explicação consome os versos 4 e 5 e está estruturada através de três cláusulas outoi,:

- outoi, são os que não se macularam com mulheres (por isso são virgens);
- outoi, são os que seguem o cordeiro aonde quer que ele vá;
- outoi, são os que foram comprados dos homens.

É importante perceber que o grande objetivo de toda a narrativa é falar deste grupo, defini-los, identifica-los, promove-los. Eles são os servos especiais do Cordeiro. Apenas eles conseguem preencher estes três difíceis requisitos.

O primeiro requisito está relacionado com uma perspectiva ascética de relacionamento com o sexo oposto. Mesmo se a expressão for, como as demais, compreendida de forma figurada, ainda assim projetam ideais bem concretos para as relações dentro do grupo.<sup>9</sup>

O segundo requisito tem relação com o discipulado e com a disposição de morrer pelo Cordeiro. O martírio é inerente a este seguimento, afinal, o caminho do Cordeiro é exatamente o sacrifício e a morte.

<sup>9</sup> COLLINS, Adela Yarbro. *The Apocalypse*. 2. imp. Wilmington: Michael Grazier Inc., 1982, p. 100.



O terceiro requisito repete o elemento da compra. É alusão a Apocalipse 5.9-10: “E cantavam um novo cântico, dizendo: ‘Digno és para receber o livro e abrir os seus selos, porque morrestes e comprastes para Deus, por meio do seu sangue, de toda tribo, língua, povo e nação, e os fizestes para nosso Deus reino e sacerdotes, e reinarão sobre a terra’”. A importância deste elemento neste episódio pode ser percebida pelo fato de esta referência aparecer duas vezes: no final da audição (os comprados da terra) e no final da explicação (os comprados dos homens). Além disso, o terceiro requisito é o mais expandido dos três, e o único a merecer três cláusulas de efeito. Em função dos 144.000 terem sido comprados da terra e dos homens, eles são: primícias para Deus, sem mentira e perfeitos. As três cláusulas, entretanto, evocam outro elemento, qual seja, o elemento sacrificial. Como oferendas aptas para o sacrifício, agradáveis a Deus, este grupo está pronto para a guerra contra as bestas e para cantar no céu.

O texto, desta maneira, apresenta os 144.000 como uma contraposição às personagens negativas do capítulo 13. De um lado se colocam o Dragão e as bestas. Do outro, o Cordeiro e seus servos. O confronto se mostra pronto para começar, porque a guerra já foi declarada pelas bestas. As posições se percebem definidas e assumidas pelos dois lados.

Essa narrativa, desta forma, aponta para a natureza retórica do livro do visionário João. Com isso, o episódio do Cordeiro e os 144.000 tanto representaria identidades quanto objetivaria construí-las. Ele assim o faria pelo uso do recurso, compartilhado com sua audiência, da participação no culto celestial, que os apresenta como vencedores no meio dos anjos, e da ferramenta de enrijecimento e produção de crise social, política e religiosa, que os percebe como guerreiros do Cordeiro no mundo.

### **Um pouco de história**

De uma forma geral, o capítulo 14.1-5 divide os estudiosos em torno de vários temas. As divergências mais comuns estão em torno da forma de ler a linguagem ascética do texto e sobre o tempo narrativo ou histórico em que se situa o episódio.

As questões ascéticas do texto são tão fortes que dominam uma boa parte das discussões. É justamente sua menção à virgindade dos 144.000, e à não “contaminação com



mulheres”, que produz tanta inquietação. Mesmo se a referência for entendida simbolicamente, ainda resta o desconforto de ver as mulheres como símbolos de idolatria e contaminação religiosa.

Charles procurou resolver esta questão concluindo que o elemento da virgindade seria uma interpolação tardia. Para ele, a última linha do verso 3 e a primeira linha do verso 4 são interpolações de um monge escriba com uma perspectiva ascética sobre o casamento.<sup>10</sup> Esta aposta de Charles se mostrou sem evidência por causa da falta de evidência nos manuscritos deste tipo de edição escribal. Por isso, poucos autores acompanharam esta sugestão.

Uma segunda maneira de trabalhar este elemento é compreender a virgindade como uma referência simbólica àqueles que se recusaram a praticar a idolatria. Estes autores tendem a ver a virgindade dos 144.000 num sentido alegórico e interpretar o texto como significando aqueles crentes das igrejas que não teriam cometido fornicção espiritual com os adoradores da besta.<sup>11</sup> Fiorenza enfatiza que o entendimento da Escritura judaica de ver a adoração aos ídolos como fornicção espiritual parece apoiar esta sugestão. O problema da linguagem precisa ser resolvido com a compreensão de que os termos usados são simbólicos. Ela ainda acrescenta que essa linguagem é fruto da estratégia retórica e da situação retórica do Apocalipse. O que significa que quando muda a situação retórica, essa linguagem se torna pouco apropriada e promotora de distúrbios de gênero.<sup>12</sup>

Próxima da anterior, mas recorrendo ao imaginário mais do que ao contexto histórico social para interpretar a linguagem, estão aqueles que indicam que os termos são evocadores deliberados de tradições. A tradição mais citada é a guerra santa de Israel, por causa dos regulamentos da Bíblia judaica com relação à guerra e a necessidade de abstinência sexual (Dt 23.9-10; Lv 15.16; 1Sm 21.5; 2Sm 11.11).<sup>13</sup> Em alguns momentos, regulamentos mais gerais de pureza são também citados (Lv 15.18), desde que eles teriam

<sup>10</sup> CHARLES, R. H. *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*. Vol. II. New York: Charles Scribners's, 1920, p. 8.

<sup>11</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Revelation: vision of a just world*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1991, p. 88; LADD, Georg Eldon. *Apocalypse: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 142.

<sup>12</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. The followers of the Lamb: visionary rhetoric and social-political situation. In: *Semeia*, 36, 1986, p. 142.

<sup>13</sup> CAIRD, G. B. *A commentary on the Revelation of St. John the Divine*. New York: Harper & Row Publishers, 1966, p. 179. Também COLLINS, Adela Yarbro. *The Apocalypse*. Wilmington: Michael Grazier Inc., 1982, p. 100.



afetado os sacerdotes diretamente, e os redimidos de Apocalipse serem descritos como sacerdotes (Ap 1.6; 5.10; 20.6). Os autores desta corrente tendem a apontar para o Rolo da Guerra de Qumran, que fala em abstinência sexual dos combatentes na batalha escatológica (1Qm 7.3-7).

Um outro elemento foi recentemente evocado por Olson. Segundo ele, o autor de Apocalipse descreve o status angélico dos 144.000 em Apocalipse 14.4 como uma radical oposição aos anjos caídos de 1Enoque 1.36. A frase “contaminar-se mulheres” é usada em 1Enoque ao falar de anjos que são proibidos de casar (1En 7.1; 9.8; 10.11; 15.3; 69.5). Segundo Olson, os anjos também são proibidos de casar em 1Enoque 15.2-7.<sup>14</sup>

Apesar dessas últimas sugestões serem predominantes na atualidade,<sup>15</sup> a sugestão de Olson peca por ignorar o conjunto do episódio e não verificar a relação de sua sugestão com o restante da história dos 144.000 (ele só analisa Apocalipse 14.4), e as demais tradições evocadas não conseguem explicar o status permanente de celibato ou virgindade dos 144.000. Tanto nas tradições da guerra santa, quanto nas tradições de pureza sacerdotal e na batalha escatológica de 1QM, o celibato é temporário e circunstancial.

Isso produz reações exaltadas de autoras como Pippin, para quem o Apocalipse apresenta as mulheres notavelmente ausentes do conjunto do povo de Deus a entrar na Nova Jerusalém. Isso porque os 144.000 de Apocalipse 14.1-5 representam o conjunto numérico dos crentes e eles são definitivamente homens (não se contaminaram com mulheres). Nas suas palavras: “Eu quero mostrar que todas as mulheres no Apocalipse são vítimas; elas são objeto de desejo e violência porque elas são todas estereótipos, imagens arquetípicas do feminino e não a materialização de poder e controle sobre suas próprias vidas ou sobre o mundo real ou imaginário”.<sup>16</sup>

De qualquer forma, as reações acima esboçadas demonstram que os autores tendem a focar no ascetismo do texto como elemento primordial do episódio. As questões ligadas ao contexto litúrgico da passagem perdem espaço nas discussões onde predomina questões de

<sup>14</sup> OLSON, Daniel. C. “Those who have not defiled themselves with women”: Revelation 14.4 and the Book of Enoch. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, 59, 1997, p. 507.

<sup>15</sup> AUNE, David E. Revelation 6-16. Thomas Nelson Publishers, 1998, p. 812.

<sup>16</sup> PIPPIN, Tina. The heroine and the whore: fantasy and the female in the Apocalypse of John. In: *Semeia* 60, 1992, p. 69.



gênero e sexualidade, o que, aparentemente, empobrecem a leitura da passagem e produz uma espécie de miopia interpretativa.

A referência ao tempo histórico ou escatológico está presente logo no versículo de abertura: “*E vi. E eis o Cordeiro parado sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo o seu nome e o nome do seu pai escrito sobre as suas testas*” (Ap 14.1). Os autores que compreendem que a referência é a um Sião Escatológico, normalmente tendem a apontar o evento também para os tempos escatológicos. Na perspectiva de João, o episódio seria uma descrição do que aconteceria em algum tempo nos dias da intervenção escatológica de Deus.

No início do século XX, Charles analisou o episódio do Cordeiro e os 144.000 como um texto proléptico, vendo-o como uma narrativa a ser localizada no futuro, pelo menos dentro da estrutura narrativa do Apocalipse. A função do texto é encorajar os crentes diante do martírio que viria sobre eles. Na prática, o conjunto de Ap 14.1-5 poderia ser descrito como a visão dos mártires se alegrando com a bênção do reino milenar sobre o Monte Sião.<sup>17</sup>

Para Wikenhauser, o Monte Sião é o lugar da reunião da comunidade escatológica de Deus. Isso em função de tradições, como a de 4Esdras 13.35, que apresenta a esperança de que o Messias aparecerá em cima do Monte Sião, onde aniquilará os inimigos de Deus e reunirá seus filhos em torno de sua pessoa. Esta esperança, por sua vez, se baseia em Joel 3.5; 4.17.<sup>18</sup>

Georg Ladd, numa obra de 1972,<sup>19</sup> lê o episódio como uma visão proléptica para falar do destino do povo de Deus preservado durante a grande tribulação, vítima da ira das bestas. É proléptica porque, dentro da narrativa de João, a visão já os apresenta no reino messiânico, evento que só seria descrito em Ap 20.3-6.<sup>20</sup>

A descrição dos redimidos como aqueles que trazem a marca de Deus seria uma maneira do visionário apresentá-los em oposição à besta e aqueles que trazem sua marca.

<sup>17</sup> CHARLES, R. H. *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*. Vol. II. New York: Charles Scribners, 1920, p. 2.

<sup>18</sup> WIKENHAUSER, Alfred. *El Apocalipsis de San Juan*. Barcelona: Editorial Herder, 1969, p. 184.

<sup>19</sup> LADD, Georg Eldon. *Apocalipse: introdução e comentário*. 1a. ed. reimp. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1992. 224 p. (Original de 1972).

<sup>20</sup> LADD, Georg Eldon. *Apocalipse: introdução e comentário*. 1a. ed. reimp. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 140.



Neste caso, como a imagem que já aparecera em Apocalipse 7.9-17 (a grande multidão), estes santos já passaram pela grande tribulação e estão diante do trono e do Cordeiro.

Para Fiorenza, se a visão e audição dos versículos 1-3 sublinham a eleição bem como a salvação escatológica dos 144.000, a interpretação dos versículos 4-5 sublinha que sua prática de vida é a condição para participar desta salvação escatológica. O episódio funciona, ao mesmo tempo, como uma anti-imagem da besta e seus seguidores bem como incentivo para participar da glória da Jerusalém escatológica.<sup>21</sup>

Richard Bauckham pressupõe que o imaginário da guerra santa é proeminente na expectativa escatológica judaica, sendo utilizado amplamente no livro de João, apesar de receber do visionário um enfoque peculiar, qual seja, a participação ativa dos crentes no confronto final, perspectivamente essa igualmente evidenciada no Rolo da Guerra (1QM) de Qumran. Segundo este autor, então, é nesta segunda tradição que se insere o livro do Apocalipse, ao lado de 1QM, para falar na participação humana na guerra santa escatológica. A diferença entre as duas obras, entretanto, está na forma como João relê a guerra em função da noção de morte sacrificial de Jesus.<sup>22</sup>

É dentro deste contexto que Bauckham interpreta Apocalipse 14.1-5. Os 144.000 são, assim, o exército do Messias militar, comprados e selados por Deus. Selar, aqui, significa tanto proteção quanto propriedade de Deus. Eles são protegidos para servir a Deus no combate final. Esse é um exército messiânico de mártires que triunfam através de seu martírio, porque são os seguidores do Cordeiro e participam em sua vitória ao seguir seu caminho até a morte.

Para Aune, o fato do Cordeiro estar de pé sobre o Monte Sião, ou seja, Jerusalém, sugere que esta perícope e 4Esdras 13.29-50 são dependentes de uma fonte ou tradição comum. Na expectativa judaica, o Monte Sião (Jerusalém) serve como o centro do reino escatológico (Jo 2.32; Is 24.23; 31.4; Mq 4.7; Zc 14.4-5; Jub 1.28; 4Es 13.29-50; 2ApBar 41.1-4; Or Sib 5.414-33; Ap 17.14). O Cordeiro é descrito como estando de pé para sugerir que sua função é a de um guerreiro preparado para destruir seus inimigos. A perspectiva do visionário, entretanto, está sobre a terra. A cena inteira dos Apocalipse 14.1-5 pode ter sido modelada, pelo menos em parte, sobre Isaías 40.9-11, quando o povo é chamado para ir até

<sup>21</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. The followers of the Lamb: visionary rhetoric and social-political situation. In: *Semeia*, 36, 1986, p. 134.

<sup>22</sup> BAUCKHAM, Richard. *The climax of prophecy*. London: T & T Clark, 1993. 550 p.



o Monte Sião. Neste caso, os 144.000 devem ser compreendidos como o remanescente cristão que sobreviver ao fim. Aune entende, então, que os 144.000 são redimidos de toda a humanidade que se posicionaram o Monte Sião para o confronto final escatológico.<sup>23</sup>

Para os autores cuja referência é a um Sião Celestial, a ênfase temporal seria irrelevante, já que o visionário estaria descrevendo um acontecimento que se dá na esfera celestial, e não teria relação direta com a história das comunidades de seguidores do Cordeiro.

Morris Achcraft,<sup>24</sup> numa obra de 1969, fala de Apocalipse 14.1-5 como a visão do Cordeiro e seu exército. Mas sua interpretação do texto o leva a entender a narrativa como um evento que se desenrola no céu. Para ele, a narrativa é uma referência à Jerusalém celestial, o que coloca a visão no âmbito celestial.

Um outro autor a ver o evento como ocorrendo no céu, apesar de adotar uma interpretação bem diferente de Aschcraft, é Bruce Malina.<sup>25</sup> No seu comentário de Apocalipse, ele relaciona as visões do livro com a antiga astrologia, identificando o Cordeiro com a constelação de Áries.<sup>26</sup> O cenário da visão, neste caso, é o Cordeiro cósmico sobre o Monte Sião. O Cordeiro, como um ser honorável, tem um grande séquito, numerado como 144.000 seres, marcados com o seu nome e do seu Pai-patrono.

Estes 144.000 que não se macularam com mulheres são servos celestiais. Esta referência é indício de que eles devem estar relacionados com a situação pré-diluviana da humanidade, como descrita por Gênesis 6.1-4 e articulada em 1Enoque 7.1-6. Este autor relaciona Apocalipse 14.4 com as narrativas de Gênesis e 1Enoque, ao narrarem a história de servos celestiais ou estelares.<sup>27</sup> Eles tomaram mulheres (1En 8.3-4), provocando uma reação contrária em outros quatro chefes estelares no santuário do céu (Miguel, Sariel, Rafael e Gabriel).

<sup>23</sup> AUNE, David E. Revelation 6-16. Thomas Nelson Publishers, 1998, p. 796.

<sup>24</sup> ASHCRAFT, Morris. Apocalipse. In: ALLEN, Clifton Jr. (ed.) Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 283-419. (Original de 1969)

<sup>25</sup> MALINA, Bruce J. *On the genre and message of Revelation: star visions and sky journeys*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995. 317 p.

<sup>26</sup> MALINA, Bruce J. *On the genre and message of Revelation: star visions and sky journeys*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995, p. 287.

<sup>27</sup> MALINA, Bruce J. *On the genre and message of Revelation: star visions and sky journeys*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995, p. 189.



Para Malina, assim, o visionário, em Ap 14.1-5, descreve os seguidores do Cordeiro como servos estelares que não cruzaram os limites cósmicos para se macular com mulheres. Estes que não se desviaram e se misturaram com humanos, eram diferentes dos seus colegas desviados que, por sua vez, serão vencidos por Miguel e sua hoste celestial.

Há aqueles autores que apontam a referência como uma indicação do Monte Sião geograficamente situado sob Jerusalém, ou, mais especificamente, sob o Templo de Jerusalém. Isso os faz entender os eventos do texto como relacionados diretamente com a nação de Israel, tanto em termos do passado da nação, como, para alguns, com o futuro do povo de Israel.

Eugênio Corsini, na década de 1980, produz uma curiosa leitura do livro do Apocalipse.<sup>28</sup> Nesta sua análise, Apocalipse 14.1-5 está relacionado com uma narrativa que se desenvolve desde Apocalipse 12. Esta última, por sua vez, é o relato da história da humanidade desde a criação do mundo, quando a serpente (o Dragão) se volta contra a Mulher Grávida (Eva) para destruir sua descendência.<sup>29</sup>

Apesar de este episódio ter como função falar do sacrifício do Cordeiro, a visão de Apocalipse 14.1-5 está relacionada com a história anterior ao nascimento de Jesus. O monte Sião, neste caso, seria uma referência ao local na qual ocorreria a imolação de Jesus como Cordeiro pascal, ou seja, a cidade de Jerusalém. Como a cena se desenrola visionariamente no céu, diante do trono, ela representa uma dimensão espiritual do plano de redenção de Deus.

Para Corsini, o Apocalipse não fala de um futuro distante, mas é uma meditação na Escritura judaica à luz da pessoa e obra de Jesus Cristo. Desta forma, enquanto o Cordeiro é realmente símbolo para Jesus e seu sacrifício, os 144.000 são os justos da antiga economia. Estes homens santos do Antigo Testamento procedem de todas as tribos de Israel, foram comprados por Deus, marcados por ele e testemunharam de Deus e do Cordeiro. Mas que tipo de testemunho é esse que santos do Antigo Testamento prestaram? Para Corsini, é o

---

<sup>28</sup> CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. 2a. ed. Trad. Ivo Storniolo e Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984. 398 p. (original de 1980).

<sup>29</sup> CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. 2a. ed. Trad. Ivo Storniolo e Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984, 251.



testemunho para Deus (obediência à Lei) e o testemunho de Jesus (espera e anúncio da vinda do Messias).<sup>30</sup>

Além de Corsini, as leituras populares dispensacionalistas do Apocalipse tendem a relacionar o Apocalipse 14.1-5 também com Israel, mas não como um evento passado, e sim como um evento a se dar no fim dos tempos. Para estes, os 144.000 seriam judeus que se converteriam durante o período do arrebatamento dos crentes, somente para serem perseguidos pelo anticristo.<sup>31</sup>

Por fim, alguns autores tendem a apontar para um Sião Simbólico, o que faz com que a leitura seja uma descrição da realidade presente das igrejas do visionário. Este grupo de autores enfatiza o caráter simbólico do Monte Sião, fazendo com que o elemento temporal seja minimizado. Um desses autores, George Bradford Caird, teólogo inglês, escreveu um influente comentário sobre o Apocalipse de João. Para ele, a referência ao Monte Sião indica que João estaria engajado em uma exposição simbólica do Salmo 2 como Escritura cristã, coisa que já fizera em Apocalipse 11.18 e 12.5. Este Salmo descreve uma rebelião universal das nações contra Deus, e narra o plano divino para suprimir essa revolta contra seu filho, o rei escolhido.<sup>32</sup>

Adela Yarbro Collins. Para ela, a descrição do Cordeiro sobre o Monte Sião aponta para tradições da presença de Deus, especialmente depois que este monte foi identificado com o monte do Templo. Então, a posição do Cordeiro mostra que ele é um agente de Deus, da mesma forma que a besta que levanta do mar indica que ela é um agente do caos e destruição.<sup>33</sup>

Durante um breve momento, a cena se desloca para o céu e fala de um canto que apenas os 144.000 podem aprender. Isso indica que eles formam um grupo exclusivo, especial, limitado àqueles que morrem por sua fé. Isso está implícito no seguimento do Cordeiro aonde quer que ele vá, mas também na imagem das primícias. Eles são oferecidos a Deus e ao Cordeiro como um sacrifício.

<sup>30</sup> CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. 2a. ed. Trad. Ivo Storniolo e Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984, 271.

<sup>31</sup> Entre outros, BLOMFIELD, A. E. *O futuro glorioso do planeta Terra*. São Leopoldo: Betânia, 1980. 262 p.

<sup>32</sup> CAIRD, G. B. *A commentary on the Revelation of St. John the Divine*. New York: Harper & Row Publishers, 1966, p. 178.

<sup>33</sup> COLLINS, Adela Yarbro. *The Apocalypse*. 2. imp. Wilmington: Michael Grazier Inc., 1982, p. 99.



Visto desta forma, esta descrição dos 144.000 apresenta um rígido modelo de cristianismo, envolvendo não somente celibato, mas também morte voluntária e violenta. A linguagem indica que João não esperava que exatamente todos os santos chegassem a este estágio, mas os que conseguissem, seriam honrados por isso. Aqueles que efetivamente alcançassem este ideal e entregassem suas vidas ao martírio estariam, à luz de Apocalipse 6.9-11, apressando o juízo de Deus sobre a humanidade corrupta.

A obra de Pierre Prigent é do final da década de 1980, e chegou ao Brasil pouco tempo depois.<sup>34</sup> Para este importante comentarista, deve-se entender Apocalipse 14.1-5 relacionado com Apocalipse 7.1-8. Ambos os textos descrevem a existência dos cristãos no meio do império romano idólatra.<sup>35</sup>

Ao falar de Monte Sião, então, este texto seria uma evocação de Joel 3.5, e indicaria o lugar como o espaço no qual se processa a salvação. Para este autor, os 144.000 não seriam mártires consumados, mas crentes que vivem sua fé no meio do império idólatra, e talvez caminhem para o martírio (Ap 7; 11; 12; 13).

Um autor bem conhecido em contexto latino-americano é Pablo Richard. Para ele o centro do Apocalipse vai de 12.1 até 15.4, e apresenta história em torno da comunidade cristã e seu enfrentando com as bestas. O núcleo desta seção, por sua vez, é exatamente 14.1-5, o que, para ele, também é o núcleo do Apocalipse.<sup>36</sup>

Este episódio apresenta o povo de Deus reunido com o Cordeiro. Nos capítulos anteriores (Ap 12-13), o visionário apresenta a trindade perversa: o dragão e as duas bestas. Esta visão de Ap 14.1-5 é um paralelo da comunidade dos santos no céu, aqueles que já venceram Satanás (Ap 12.10-11) e a comunidade daqueles que já venceram as bestas (Ap 15.2-4). É uma descrição da comunidade que resiste na terra, mas que se identifica com a comunidade que canta no céu.

Por fim, dois autores brasileiros, Carlos Mester e Francisco Orofino, também se inserem nesta mesma tradição de leitura do episódio como descrição simbólica do presente das igrejas de João. O episódio de Ap 14.1-5 como um texto de descrição das comunidades

<sup>34</sup> PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 1993. 455 p. (original de 1988)

<sup>35</sup> PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 1993, p. 256.

<sup>36</sup> RICHARD, Pablo. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 200.



ao redor do Cordeiro funcionaria para ajudá-las na conscientização de sua missão de resistir à propaganda oficial do falso profeta.<sup>37</sup>

### A guerra escatológica

Um documento muito importante para compreender o episódio do Cordeiro e os 144.000 sobre Sião é o Rolo da Guerra de Qumran (1QM). O tema principal deste documento é a guerra que se dará quando os desterrados dos filhos da luz retornarem do deserto das nações para acampar no deserto de Jerusalém (1QM 1.3). Haverá, então, uma luta entre os filhos da luz, de um lado, e os filhos das trevas, do outro. Há um grande cuidado em precisar que povos comporão os dois lados do combate. De um lado, o exército de Belial, compreendendo Edom, Moabe, os amonitas e as tropas dos *kittim* de Asur, aliados aos transgressores da aliança. Do outro lado estão os filhos de Levi, Judá e Benjamin, os filhos da luz, assistidos pelos anjos de Deus, explicitamente Miguel, Gabriel, Sariel e Rafael (1QM 9.15-17). Esta guerra durará seis anos, uma vez que os filhos da luz e os filhos das trevas obterem a vitória cada um três vezes, e acabará com a vitória definitiva dos filhos da luz.<sup>38</sup>

1QM parece ter sido escrito como um manual para guiar os justos na tarefa de, no dia fixado por Deus, fazer a guerra de exterminação dos filhos das trevas (1QM 1.10). Esta guerra, por sua vez, deve ser conduzida segundo as normas táticas aplicadas pelos exércitos pagãos e segundo as normas judaicas da guerra consignadas na Torá. O respeito às prescrições da Lei em matéria de guerra é uma das condições essenciais, posto que ela se dará não somente entre os filhos da luz e os da trevas, mas também entre as potências cósmicas da luz e das trevas. A presença de anjos no combate, ao lado dos filhos da luz, obriga os combatentes a respeitar as leis da pureza no acampamento. Os combatentes que

<sup>37</sup> MESTER, Carlos & OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João: A teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2002, 270.

<sup>38</sup> Segundo Collins, essa estrutura dualista é dependente de fontes persas. Cf. COLLINS, John J. *The mythology of holy war in Daniel and the Qumran war scroll*. In: *Vetus Testamentum*, 25, 3, 1975, p. 605. Cf. também DAVIES, Philip R. *Dualism and eschatology in the Qumran War Scroll*. In: *Vetus Testamentum*, 28, 1, 1978, pp. 28-36; COLLINS, John J. *Dualism and Eschatology in 1QM: A reply to P. R. Davies*. In: *Vetus Testamentum*, 29, 2, 1979, pp. 212-215; DAVIES, Philip R. *Dualism and eschatology in 1QM: a rejoinder*. In: *Vetus Testamentum*, 30, 1, 1980, pp. 93-97.



não se encontram sexualmente puros no dia do combate devem abster-se de participar da luta, já que os anjos estarão presentes no meio dos soldados (1QM 7.6).<sup>39</sup>

Desta forma, como o livro de João, ele é um documento com potencial de definir limites sociais, prescrevendo a identidade do grupo na descrição de futuros combatentes. A postura de quem o usava, assim, era se preparar para poder participar do combate, quando a hora chegasse.

O imaginário da guerra santa escatológica está presente no episódio do Cordeiro e os 144.000, e, como assinalado por Bauckham, parece apresentar uma distinção importante. Como em 1QM, os santos participam no conflito escatológico. As demais tradições judaicas, entretanto, descreviam a guerra final apenas sem participação humana. Apenas o Messias e seus anjos lutavam.<sup>40</sup>

A primeira parte do texto, assim, ao apresenta-los sobre o Sião, os relaciona diretamente com específicas tradições messiânicas judaicas. Essas tradições messiânicas, entretanto, são fundidas com expectativas escatológicas, mediadas pelo imaginário da guerra santa. O Cordeiro e seus servos se preparam para o confronto com as bestas. Segundo alguns autores, elas representariam uma crítica política do visionário contras as estruturas políticas e sociais do império romano.<sup>41</sup>

No momento de descrever os 144.000, o visionário se apropria de altos ideais de relacionamento com outros membros do mesmo grupo e com quem está fora do grupo. Ascetismo e martírio aparecem como elementos predominantes, tanto para vencer as bestas, quanto para participar do culto a Deus.

### **Ascetismo idealizado como reforço de identidade religiosa**

<sup>39</sup> Delcor e Martinez falam em quatro objetivos básicos por trás de 1QM: a) Quando se dará o tempo fixado para a retribuição e contra quem se dará a guerra; b) Quais são, na Torá, as leis e os regulamentos relativos à Guerra contra os pagãos; c) Quais são as leis e os princípios táticos da guerra utilizados pelos pagãos e como eles podem se reconciliar com as prescrições da Torá; d) Como deve conduzir-se a guerra no dia assinalado por Deus. Cf. DELCOR, M.; MARTINEZ, F. Garcia. *Introducción a la literatura esenia de Qumran*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, p. 149. Para Collins, seu propósito não é revelar o que irá acontecer, mas prescrever as ações apropriadas para quando a guerra final começar. COLLINS, Joh J. *Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls*. London: Routledge, 1997, p. 93.

<sup>40</sup> BAUCKHAM, Richard. *The climax of prophecy*. p. 211.

<sup>41</sup> COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*, p. 186



O livro de João foi escrito no fim do governo de Domiciano, período em que o império exercia uma pressão contínua sobre as sensibilidades dos santos através da prática local do culto imperial. Essas pressões do Império, entretanto, se ampliavam por causa dos olhares de suspeição e hostilidade da população local, já que o culto imperial era uma expressão da coesão e ordem social e política. Já para João, ele era sinal de fidelidade ao adversário do Cordeiro, o grande Dragão.

Historicamente, Domiciano não parece ter instigado uma perseguição oficial aos santos. Mas as tensões dentro da sociedade parecem ter levado João a esperar uma perseguição para um futuro próximo. Parece que o visionário só conhecia um mártir: Antipas, de Pérgamo. Entretanto, para o escritor de Apocalipse, ele foi o primeiro dentre vários que viriam em breve.

Essa situação acabou possibilitando o surgimento de vários grupos de santos que pregavam uma tomada de decisão sobre o futuro das igrejas. Profetas viajavam pelas comunidades oferecendo suas próprias sugestões. Alguns pregavam uma atitude mais aberta diante da sociedade larga e uma coexistência pacífica sem prejuízo para a fé. Já o visionário reage de forma diferente. Ele deseja apontar os limites de relacionamento com a sociedade e com outros grupos religiosos. João não admitia a assimilação com a sociedade que, na sua perspectiva, estava mergulhada na idolatria.<sup>42</sup>

Além disso, João tem vozes divergentes no meio das igrejas. Aquela que ele chama de Jezabel parece ter alcançado posição de destaque. João percebe com gravidade os conflitos internos, ligados justamente aos profetas da acomodação. Silva argumenta que eles eram profetas itinerantes que apresentavam uma interpretação alternativa do evangelho e uma resposta diferente para o relacionamento com a ordem social.<sup>43</sup>

Como resposta, João exacerba a situação já instável para, efetivamente, promover uma crise na sua audiência. O visionário deseja levantar os limites das suas comunidades. Pelo menos das igrejas nas quais tinha alguma influência. Para isso ele provê motivações tanto positivas quanto negativas para o afastamento não apenas da sociedade, mas dos demais grupos judaicos. Ele ainda demoniza seus adversários, estressa fortemente as

---

<sup>42</sup> SILVA, David A. de. *The Revelation to John*, p. 382.

<sup>43</sup> SILVA, David A. de. *The Revelation to John*, p. 384.



diferenças de padrões e valores, escala antagonismo e vaticina um tempo próximo de rejeição mútua.<sup>44</sup>

Diante de todas essas pressões, João escreve o Apocalipse. No seu livro, ele gasta uma boa parte das visões para narrar a guerra entre o Dragão e o Cordeiro (Ap 12-22).<sup>45</sup> Esta perspectiva apresenta o mundo de João como um mundo em guerra. Os adversários são rapidamente apresentados nos capítulos 12-13. O Dragão é o grande inimigo. Ele é o “o grande Dragão, a antiga serpente, chamado diabo e Satanás, o acusador do mundo inteiro” (Ap 12.9a). Como não conseguiu derrotar a criança messiânica no momento do seu nascimento (Ap 12.5), ele foi derrotado no céu, expulso para a terra, e promoveu o levantamento de uma besta do mar (Ap 13.1) e outra da terra (Ap 13.11) para perseguir os demais descendentes da Mulher. Foram as bestas que deram início à perseguição dos santos, e, pelos indícios deixados por João, representam o império romano e sua estrutura política, social e religiosa.

São elas que os 144.000 se preparam sobre o monte Sião para enfrentar, ao lado do Cordeiro. São elas que eles precisarão morrer para vencer. Para João, só há dois caminhos diante dos santos. Um é o caminho da besta, que os levaria das perseguições, mas os levaria a enfrentar a ira do Cordeiro no dia da sua glória. O outro é o caminho do Cordeiro, que os levaria para o martírio e a morte nas mãos das bestas, mas os habilitaria a participar do cortejo de vitória na Nova Jerusalém.

O episódio dos 144.000, assim, parece ter buscado, em vez de descrever eventos escatológicos, prescrever o perfil dos crentes idealizados pelo visionário. Ele o faz contrapondo o Cordeiro e seus seguidores contra a besta e aqueles que foram marcados com o seu número. Ao assim fazer, ele convoca os leitores a tomar o partido do Cordeiro. O imaginário da guerra santa insere na narrativa o potencial de definir limites e fronteiras de grupos religiosos. Desta forma, o episódio de Apocalipse 14.1-5 *prescreve* a identidade dos santos, projetando-a na *descrição* de um grupo de guerreiros do Cordeiro.

<sup>44</sup> DUFF, Paul B. “The synagogue of Satan”: Crisis mongering and the Apocalypse of John. In: BARR, David L. (ed.) *The reality of Apocalypse: rhetoric and politics in the Book of Revelation*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006, p. 164-165.

<sup>45</sup> BARR, David L. *Towards an ethical reading of The Apocalypse: reflections on John’s use of power, violence, and misogyny*. In: SBLSP, 36, 1997, p. 361.



Esta forma de descrever a guerra escatológica pretende moldar as comunidades de santos. O texto não aponta os adversários dos seguidores do Cordeiro; ele os constrói, junto com um inteiro mundo simbólico que é oferecido para sua audiência.

### **Liturgia idealizada**

Há diversos indícios de que o livro de Apocalipse como um todo está inserido num contexto cútico. O monte Sião parece ser uma analogia do encontro dos santos com o Cordeiro nos seus ajuntamentos litúrgicos. Além disso, a referência direta à canção celestial que somente os 144.000 podem aprender, cantada perante o trono e figuras importantes da liturgia de Apocalipse 4-5, relaciona este episódio diretamente com os santos em culto no céu (Ap 7.9-17; 12.10-12; 15.1-4; 19.1-8).

A pesquisa de Louis-Fletcher sobre identidade angelomórfica nas comunidades judaicas indica que este fenômeno é uma importante chave de leitura da situação vital do Apocalipse. Segundo este pesquisador, alguns grupos judaicos entendiam que a humanidade poderia compartilhar sua identidade com uma comunidade de anjos. Nestes grupos, percebia-se a vida humana e suas práticas religiosas como uma espécie de espelho na terra de atividades de anjos no céu.<sup>46</sup> Há evidências desse tipo de crença em tradições da monarquia, do sacerdócio e da profecia nas Escrituras Judaicas.<sup>47</sup>

Entretanto, em alguns casos, os santos não apenas visitavam os céus, mas experimentavam a identidade dos anjos. Nos Hodayot, os justos são retirados das profundezas da humanidade para os altos céus, onde eles se relacionam com as hostes de anjos e experimentam a vida da eternidade, a nova criação, e, subsequentemente, o perdão de pecados. Havia uma aspiração na comunidade por uma vida angélica como a ideal forma de existência na terra.<sup>48</sup> A antropologia subjacente a estes textos de Qumran seria derivada da leitura de Gênesis 1, segundo a qual a criação de Adão à imagem e semelhança de Deus significa que ele foi criado à imagem dos anjos. Em outros termos, Adão foi criado para

<sup>46</sup> FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. Some reflections on angelomorphic humanity texts among the Dead Sea Scrolls. In: *Dead Sea Discoveries*, 7/3, 2000, p. 292.

<sup>47</sup> FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. Angelomorphic categories, early christology and discipleship, with special reference to Luke-Acts. In: *Tyndale Bulletin*, 48/1, 1997, p. 185.

<sup>48</sup> FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. Some reflections on angelomorphic humanity texts among the Dead Sea Scrolls, p. 296.



carregar a glória de Deus.<sup>49</sup> Como a comunidade de Qumran idealizava-se como o verdadeiro Israel e verdadeiro Adão, seus membros, assim, entendiam ter privilégios e status dos anjos.<sup>50</sup> Sua própria identidade é angélica.<sup>51</sup>

Fletcher-Louis também acredita que é o culto o espaço vital no qual os adoradores podem participar da vida do céu e usufruir dos privilégios de estar no meio dos anjos.<sup>52</sup> Um outro autor, Olson, acredita que o visionário João não apenas carregava perspectivas angelomórficas, mas também propõe, com o episódio dos 144.000 que não se macularam com mulheres, que a função dos santos nas esferas celestiais é substituir, numa evocação do Mito dos Vigilantes, os anjos caídos.<sup>53</sup>

Os diversos elementos intertextuais de Apocalipse 14.1-5, assim, parecem indiciar uma identidade angelomórfica no contexto do culto, compartilhada por João e sua audiência. Internamente, os santos se percebem como anjos. As relações externas, entretanto, são marcadas pelo asceticismo. A relação entre as duas se dá na mensagem de João de que a externa é condição para se experimentar a interna. Neste caso, somente quem assumisse a identidade ascética, de afastamento da sociedade e dos irmãos que não compartilhavam da mesma perspectiva, poderia ingressar na presença do Cordeiro, experimentar seu reino, cultuar como os anjos e no meio deles.<sup>54</sup>

Na perspectiva de João, os 144.000 guerreiros de Apocalipse 14 não formam uma realidade futura. Eles já são os santos aliados do Cordeiro. É escatologia realizada.<sup>55</sup> No contexto do culto eles já estão na presença do Cordeiro, e são primícias para Deus. A recitação litúrgica do Apocalipse produz uma experiência concreta com o reino de Deus. A

<sup>49</sup> FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. Some reflections on angelomorphic humanity texts among the Dead Sea Scrolls, p. 296.

<sup>50</sup> FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. *All the glory of Adam*: liturgical anthropology in the Dead Sea Scrolls. Leiden: Brill, 2002, p. 135.

<sup>51</sup> FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. Some reflections on angelomorphic humanity texts among the Dead Sea Scrolls, p. 297.

<sup>52</sup> FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. *All the glory of Adam*, p. 391.

<sup>53</sup> OLSON, Daniel. C. "Those who have not defiled themselves with women": Revelation 14.4 and the Book of Enoch. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 59, 1997, p. 492-510

<sup>54</sup> É Barr que argumenta que no contexto do culto, o cosmo já aparece como transformado no Apocalipse. Nesse mesmo contexto, a derrota do mal já ocorreu. As ações de vitória ocorrem quando o povo de Deus está reunido em liturgia. Cf. BARR, David L. Towards an ethical reading of The Apocalypse, p. 368.

<sup>55</sup> NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião de visionários – O cristianismo primitivo relido a partir de sua experiência fundante. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. (org.) Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo. São Paulo: Loyola, 2005, p. 37.



reserva escatológica está na perspectiva de que a vitória histórica contra as bestas só se dará pelo caminho trilhado pelo Cordeiro, neste caso, o martírio e a morte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, Kurt (ed.) *The Greek New Testament*. 4a. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.

ASHCRAFT, Morris. Apocalipse. In: ALLEN, Clifton Jr. (ed.) *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 283-419.

AUNE, David E. *Revelation 6-16*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998.

BARR, David L. Towards an ethical reading of The Apocalypse.

BARR, David L. *Towards an ethical reading of The Apocalypse*: reflections on John's use of power, violence, and misogyny. In: SBLSP, 36, 1997, p. 358-373.

BAUCKHAM, Richard. *The climax of prophecy*. London: T & T Clark, 1993.

BLOMFIELD, A. E. *O futuro glorioso do planeta Terra*. São Leopoldo: Betânia, 1980.

CAIRD, G. B. *A commentary on the Revelation of St. John the Divine*. New York: Harper & Row Publishers, 1966.

CHARLES, R. H. *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*. Vol. II. New York: Charles Scribners's, 1920.

COLLINS, Adela Yarbro. *The Apocalypse*. 2. imp. Wilmington: Michael Grazier Inc., 1982.

COLLINS, Adela Yarbro. *The Combath Myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001.

COLLINS, Joh J. *Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls*. London: Routledge, 1997.

COLLINS, John J. *Dualism and Eschatology in 1QM*: A reply to P. R. Davies. In: *Vetus Testamentum*, 29, 2, 1979, pp. 212-215.

COLLINS, John J. *The mythology of holy war in Daniel and the Qumran war scroll*. In: *Vetus Testamentum*, 25, 3, 1975, p. 596-612.



CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. 2a. ed. Trad. Ivo Storniolo e Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984. 398 p.

DAVIES, Philip R. *Dualism and eschatology in 1QM: a rejoinder*. In: *Vetus Testamentum*, 30, 1, 1980, pp. 93-97.

DAVIES, Philip R. *Dualism and eschatology in the Qumran War Scroll*. In: *Vetus Testamentum*, 28, 1, 1978, pp. 28-36.

DELCOR, M.; MARTINEZ, F. Garcia. *Introduccion a la literatura esenia de Qumran*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

DUFF, Paul B. "The synagogue of Satan": Crisis mongering and the Apocalypse of John. In: BARR, David L. (ed.) *The reality of Apocalypse: rhetoric and politics in the Book of Revelation*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006, p. 147-168.

FIorenza, Elisabeth Schüssler. *Revelation: vision of a just world*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1991.

FIorenza, Elisabeth Schüssler. The followers of the Lamb: visionary rhetoric and social-political situation. In: *Semeia*, 36, 1986, p. 123-146.

FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. Some reflections on angelomorphic humanity texts among the Dead Sea Scrolls. In: *Dead Sea Discoveries*, 7/3, 2000, p. 292-312.

FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. *All the glory of Adam: liturgical anthropology in the Dead Sea Scrolls*. Leiden: Brill, 2002.

FLETCHER-LOUIS, Crispin H. T. Angelomorphic categories, early christology and discipleship, with special reference to Luke-Acts. In: *Tyndale Bulletin*, 48/1, 1997, p. 183-186.

LADD, Georg Eldon. *Apocalipse: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1992.

MALINA, Bruce J. *On the genre and message of Revelation: star visions and sky journeys*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995.

MESTER, Carlos & OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João: A teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião de visionários – O cristianismo primitivo relido a partir de sua experiência fundante. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. (org.) *Religião de*

visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo. São Paulo: Loyola, 2005, p. 13-42.

OLSON, Daniel. C. "Those who have not defiled themselves with women": Revelation 14.4 and the Book of Enoch. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, 59, 1997, p. 492-510.

PIPPIN, Tina. The heroine and the whore: fantasy and the female in the Apocalypse of John. In: *Semeia* 60, 1992, p. 67-90.

POHL, Adolf. *Apocalipse de João II: comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001..

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 1993.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, David A. de. The Revelation to John: a Case Study in Apocalyptic Propaganda and the Maintenance of Sectarian Identity. In: *Sociological Analysis*, 53/4, 1992, p. 375-395.

WIKENHAUSER, Alfred. *El Apocalipsis de San Juan*. Barcelona: Editorial Herder, 1969.

